

Quadrinhos que falam: oficinas educomunicativas estimulando a expressão gráfica no ensino médio

Marciel A. Consani
Natália Rosa M. Sierpinski

Introdução

Podemos descrever o presente trabalho como um desenvolvimento, em extensão e profundidade, do TCC realizado conjuntamente pelos autores deste paper (Sierpinski, 2017), ainda na condição de orientador e orientanda. Além da semelhança entre o objeto de estudo – produção de quadrinhos oriunda de uma intervenção pedagógica no espaço escolar – e universo da pesquisa – classes de Ensino Médio da rede pública – nos propomos a resgatar e expandir a metodologia da contra narrativa que será melhor explanada na próxima seção, denominada “Aportes metodológicos e objetivos deste trabalho”.

Diferentemente do trabalho anterior (o TCC), que se caracterizou como uma intervenção pontual e recortada (ainda que intensa), sem ações prévias ou continuidade subsequente, o relato que incluímos neste *paper* faz parte de um

conjunto de ações formativas que vêm sendo desenvolvido ao longo de quase dois anos e envolvendo um número consideravelmente maior de escolas.

A sessão de trabalho aqui descrita (oficina de HQs) se constitui em parte integrante de um ciclo formativo demandado pela escola *locus* da pesquisa, como evento de conclusão de uma semana temática dedicada ao educador Paulo Freire. Na ocasião, ocorreram outras oficinas simultâneas dedicadas à produção nas linguagens de rádio e vídeo, e utilizaremos a seção 2 (“Oficina de Tirinha e Charge: HQs pelo viés da Educomunicação”) de nosso artigo para explanar mais detalhadamente sobre a dinâmica da atividade.

A terceira seção deste breve artigo – “O que os estudantes nos dizem em seus quadrinhos?” – enfoca a análise das narrativas produzidas pelos estudantes durante a intervenção pedagógica descrita na seção anterior, apresentando alguns exemplos nos quais reconhecemos as “contra histórias” narradas por aqueles jovens, agora na qualidade de sujeitos do processo comunicacional, condição viabilizada pela orientação educomunicativa que norteou todo o processo.

Ao final de nosso texto, apresentaremos um conjunto sucinto de considerações que, esperamos, possam contribuir para fortalecer a contra narrativa como uma possibilidade viável de práxis investigativa em Educomunicação.

1. Aportes metodológicos e objetivos deste trabalho

Apresentaremos aqui a Narrativa como um objeto de análise e um norteador de práticas pedagógicas, partindo de seu escopo geral para introduzir o conceito das Contra Narrativas.

1.1. Narrativas e Contra Narrativas

Antes de tudo, cabe fazer um recorte para definir o que chamamos aqui de “Narrativa”, a qual “(...) seria a exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou imagens” (Costa, 2014, p.174). A esta definição sucinta, com base no mesmo autor, podemos agregar dois aspectos:

- (I) a narrativa pode realizar-se em suportes expressivos variados (verbal, icônico ou verbo-icônicos, como as histórias em quadrinhos, cinema, nar-

rativa literária — conto, novela, romance, etc.) e (II) a narrativa não se concretiza só no plano estético-literário, isto é, uma narrativa caracterizada pela presença de personagens inseridas em situações imaginárias (ficção) e realizada em diversos gêneros narrativos, mas também se realiza em situações funcionais e contextos comunicacionais como nos gêneros textuais de narrativa de imprensa: notícia, reportagem..., historiografia, relatórios diversos, anedotas, etc. (Costa, 2014, p.175).

Já faz algum tempo, vimos trabalhando com o conceito da Narrativa em dois âmbitos, sendo: (1) uma dimensão conceitual, na forma de um eixo transdisciplinar e uma dimensão operativa (2) de modo que ela funcione, ao mesmo tempo, como objeto de estudo e abordagem metodológica.

Nos estudos que precederam o presente artigo, ganha destaque a pesquisa em nível de pós-doutoramento do autor principal, que desenvolveu uma intervenção em escola pública do Estado de São Paulo. No relatório final (não publicado) daquela investigação, consta um levantamento inicial do emprego da narrativa em Educação:

Em nossos levantamentos iniciais, foi possível identificar a existência de menções à narrativa e seu emprego em contexto pedagógico. Porém, o mesmo não pode ser dito sobre experimentos sistematizados, o que reafirma um certo grau de ineditismo das nossas contribuições. Dentro do referencial levantado, por exemplo, BARTHES (2011, 280) descreve um estudo, então em curso (1962), no qual os pesquisadores Elli-Kaija Congas e Pierre Maranda (no Harvard Center for Cognitive Studies, nos E.U.A.) buscaram aplicar o método analítico proposto por Claude Lévi-Strauss em um grupo de crianças de cinco a doze anos de idade, com o objetivo de testar a conservação das estruturas de narrativas míticas de contos folclóricos norte-americanos. Entretanto, a distância histórica e geográfica dessa iniciativa promove menos nossa disposição de resgatá-la e muito mais nosso interesse em desenvolver novas ferramentas e abordagens afins ao contexto da escola pública brasileira (CONSANI, 2014).

A ideia do eixo transdisciplinar pode ser entendida como uma construção cultural que perpassa as disciplinas da grade curricular e, até mesmo os diferentes

enquadramentos epistemológicos, antes e depois da consolidação do que poderíamos chamar de “estatuto curricular” na educação.

Do ponto de vista operativo, a Narrativa funcionaria como uma instância articuladora de sentidos (objeto para análise e discussão), aproximando, de forma mais ou menos consciente e intencional, o repertório cultural de cada indivíduo do conjunto de saberes constituídos da esfera social, incluindo os valores morais e as demais convenções sociais, os quais, nesse processo de compartilhamento, são assimilados e legitimados.

Nessa dimensão, ela assume duas feições, sendo que a primeira delas é como objeto — ou “tema gerador” — de reflexões que levam à reconstrução do conhecimento em novas formas. É dessa forma que, desde cedo, nos habituamos a aprender com parábolas e outras narrativas de cunho moral, fáceis de ser entendidas e memorizadas. Tais características, consolidaram nossas demandas de “consumo” informacional e midiático, criando as bases teóricas de teorias da Comunicação tão diversas entre si quanto o Funcionalismo, o Crítico-Culturalismo e a Teoria das Mediações.

Em acréscimo, a produção de Narrativas pode ser estimulada como uma estratégia de expressão do sujeito educando que permite mapeamento e a construção dos discursos na sala de aula, evidenciando vozes silenciadas e conflitos latentes.

Trataremos agora de fundamentar o conceito e as estratégias de aplicação da Narrativa na educação pelo viés da Contra Narrativa.

1.2 A Contra Narrativa como estratégia de intervenção pedagógica

Assumindo que nosso paradigma de investigação está alinhado com a abordagem fenomenológica na modalidade de Pesquisa Participante, detectamos a necessidade de operacionalizar a ação investigativa pelo viés de uma técnica de recolha de dados coerente com o referencial educacional. Optamos, desde o trabalho precedente (Sierpinski, 2017), pelo método da Contra Narrativa, ou a capacidade de contar histórias relevantes que contrariam narrativas “oficiais” e de deslegitimação.

Do trabalho de Yosso (2006), o qual enfoca, principalmente, a problemática da representação racial no âmbito do sistema educacional estadunidense, podemos transpor elementos conceituais e metódicos para identificar — e estimular — a produção de Contra Narrativas (*Counterstories*) em linguagem de HQs no contexto escolar de nossa intervenção educacional.

A autora citada parte de uma teoria base a CRT (*Critical Race Theory*) — ou Teoria Crítica de Raça — para identificar aquela que é a narrativa hegemônica sobre o desempenho dos estudantes de origem hispânica nos E.U.A. (*Chicanas/os*). Tal narrativa assume que os estudantes em questão, mesmo partilhando das mesmas condições e oportunidades que aqueles alunos/as oriundos de outros grupos étnicos (anglo-saxões, orientais, etc) apresentam desempenho escolar inferior, o qual pode ser aferido por instrumentos de investigação descritos como “neutros e objetivos” (Yosso, 2006, p.4). Ainda segundo ela,

Uma contra história, por outro lado, começa com o entendimento de que condições educacionais inadequadas limitam o acesso e as oportunidades iguais na educação escolar. Apontando as fórmulas preconceituosa e subjetiva da história majoritária, a contracorrente revela que Chicanas/os costumam frequentar escolas superlotadas, degradadas e racialmente segregadas. Demasiadas vezes, estas escolas fazem poucos investimentos por aluno, contam com poucos professores bem treinados e têm um acesso limitado a um currículo de qualidade apoiado pela universidade. Em vez de culpar os estudantes hispânicos ou as tradições culturais da comunidade, uma contra história aborda as estruturas sociais, práticas e discursos. (YOSSO, 2006, p.4-5)

Considerando que as Contra Narrativas ultrapassam e acentuam histórias de raça e etnia diversas, desafiando representações dominantes, elas também podem ser utilizadas como um instrumento de desconstrução de História e Discurso em outros contextos e abordando problemáticas distintas.

Na intervenção aqui relatada, identificamos, no contato com os professores¹, a noção de que “os alunos são muito passivos”, ou de que “são muito dispersos,

1 O qual será objeto de outro artigo, ainda em fase de elaboração — fato pelo qual nos reservamos a prerrogativa de apresentar esta problemática inicial de forma bastante sucinta.

não prestam atenção”, ou que “eles vêm para a escola muito despreparados” ou ainda, que “eles não se esforçam o bastante”. Este olhar no sentido docente para discente cria a expectativa de um grupo de estudantes desmotivados ou desinteressados pela escola, longe das condições propícias a exercer o protagonismo infanto-juvenil, definido como um pressuposto dentro da abordagem educacional (Soares, 2011).

No que tange à oficina de quadrinhos desenvolvida como o grupo de jovens que optaram por aquele tema de oficina, nossa intenção foi a de que os estudantes, estimulados pela livre-expressão e instruídos nos rudimentos básicos da linguagem das HQs, criassem narrativas gráficas referenciadas no espaço-tempo escolar e nas questões ali presentes.

Voltando à fundamentação proporcionada por Yosso (2006), cabe ressaltar, reproduzindo aqui sua problematização de quatro pontos principais, quais seriam as questões a serem respondidas pelo emprego das Contra Narrativas num contexto educacional:

- (1) Como racismo, sexismo, classismo e outras *formas de subordinação* [grifo nosso] moldam o processo de formação educacional da Chicana/o?²
- (2) Como as instituições de educação e estruturas educacionais, práticas e discursos mantêm a discriminação baseada em raça, sexo e classe?
- (3) Como os Chicanos/os reagem contra o racismo, o sexismo, o classismo e outras formas de subordinação na educação?
- (4) Como a educação pode se tornar uma ferramenta para ajudar a acabar com o racismo, o sexismo, o classismo e outras formas de subordinação? (Yosso, 2006, p.9).

Estas são as questões básicas às quais pretendemos resgatar — particularmente a última delas — ao final desse nosso relato. Na próxima seção, nos dedicaremos a melhor detalhar os aspectos procedimentais da intervenção.

2 Em nossa transposição, buscaremos responder as questões substituindo a questão étnica dos hispânicos (Chicanos/os) pela dos estudantes de Ensino Médio que participaram da oficina.

2. Oficina de tirinha e charge: HQs pelo viés da Educomunicação

A origem de nossa intervenção remonta a um ciclo de formações sobre a temática “Metodologias Ativas na Educação” realizado ao longo do ano de 2017 e que envolveu os professores da ETEC Presidente Vargas, no município de Mogi das Cruzes (SP) e coordenada pelo autor deste artigo no âmbito das ações de extensão promovidas pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP. Uma das considerações, elaboradas em conjunto com a equipe de colaboradores do NCE e a gestão da referida escola, foi a necessidade de estender o processo formativo aos alunos, o que chegou a ser iniciado ainda naquele ano sob a forma de uma breve oficina de edição de vídeo.

Dentro deste contexto, tivemos o convite para desenvolver oficinas educ comunicativas junto aos alunos do ensino médio técnico para compor a programação da Semana Paulo Freire, evento da escola que já tinha como objetivo principal debater os pensamentos acerca da pedagogia freiriana. Assim, foram realizadas, concomitantemente, oficinas de audiovisual, rádio e histórias em quadrinhos, ficando a cargo dos alunos escolherem qual linguagem os interessava para participar.

A oficina em que está focada nossa análise foi intitulada “Tirinhas, charges e mídias visuais”, elaborada e mediada pelos educ comunicadores Natália Sierpinski e André Ramiro³. A oficina teve duração de duas horas (2h) e contou com a presença de vinte e dois alunos.

A oficina apresentou sete momentos principais: (a) debate sobre a suposta neutralidade de uma narrativa, (b) pedagogia freiriana, (c) formatos de cartum, charges, caricatura e tirinha (d) linguagem das histórias em quadrinhos, (e) elementos da construção da narrativa humorística, (f) produção dos quadrinhos pelos alunos e (g) exposição dos quadrinhos produzidos.

A primeira parte da oficina trouxe o debate acerca da inexistência de uma narrativa realmente neutra (Baccega, 2009) tomando como exemplos os primeiros

3 Estudante da Licenciatura em Educomunicação ECA-USP, foi integrante do coletivo Educomics e também atua com oficinas educ comunicativas voltadas ao audiovisual, sustentabilidade e game designer.

quadrinhos do Super-Homem e do Capitão América, nos quais foi explicitada a carga ideológica presente em tais produções.

Seguindo por esse viés, foi apresentado um trecho do segundo capítulo da história em quadrinhos “Cara de Unicórnio” (Adri A., 2018), produção independente que apresenta um super-herói LGBT como protagonista. Nela, o trecho destacado em questão subverte alguns estereótipos trazendo uma cena de roubo comum de uma senhora e um jovem, que tem o desfecho inesperado que apresenta a senhora idosa como a verdadeira ladra e o jovem como vítima.

A partir dessa narrativa, debatemos com os alunos sobre as narrativas que são colocadas em nosso cotidiano e que se apresentam supostamente como sendo neutras, mas que, na realidade, carregam uma série de valores morais e embutidos em seu discurso, os quais, só conseguimos perceber por meio de sua desconstrução/inversão de valores.

A segunda parte da oficina focou em aprofundar no pensamento de Freire, tema da ação na escola na qual tal oficina se integrou. Para tanto foram apresentadas as HQs *Desaplanar* (Sousanis, 2017) e *Freiren kyydissä* (Lehtimaja, 2006), que trazem diretamente referências aos pensamentos da pedagogia Freiriana.

Com foco na crítica à Educação Bancária, no debate sobre a valorização do repertório do aluno e a busca por uma educação horizontal, também tratamos sobre construção gráfica e já abordando alguns pontos da linguagem das HQs, dado que os dois exemplos traziam conteúdos parecidos, porém com uma construção narrativa completamente distintas.

A terceira parte da oficina focou em apresentar as principais características da caricatura, da charge, do cartum e da tirinha. O momento seguinte aprofundou na linguagem dos quadrinhos, com os elementos do balão de fala, requadro, recordatório, enquadramento, tempo de narrativa, onomatopeia e linhas cinéticas, que foram trabalhadas a partir de diversos exemplos de páginas de HQs nacionais e internacionais, contando com produções da MSP, Marvel e também HQs independentes.

A quinta parte da oficina focou na construção da narrativa de uma tirinha de humor, apresentando os principais elementos que compõe o início da história,

seu desenvolvimento e desfecho, explicando qual parte da narrativa é responsável pelo tom humorístico da produção e suas possíveis variações.

Depois de trabalhar todo esse repertório, os alunos foram orientados a produzir uma tirinha de humor que se passasse na escola ou remetesse ao ambiente escolar, mas, sem a imposição de um tema específico a ser abordado nas histórias, de modo que cada aluno cumpriu a tarefa da maneira que achou mais apropriada.

Apesar do foco da oficina ter sido voltado à construção da narrativa em HQs, a maioria das produções apresentou alta qualidade plástica, dado que a maioria dos alunos eram estudantes dos cursos técnicos de Design e de Edificações, já possuindo um repertório sobre desenho e elaboração de imagens gráficas. Podemos dizer que os conhecimentos oferecidos na oficina e aqueles que os alunos já possuíam, foram somados e se complementaram.

O último momento da oficina foi a exposição dos quadrinhos produzidos pelos estudantes, o que foi feito de maneira conjunta com os outros participantes das oficinas de rádio e audiovisual, promovendo, assim, uma troca na qual todos puderam apreciar as produções realizadas com as três linguagens.

Por falta de tempo, não foi possível fomentar um debate aprofundado sobre as HQs entre todos os alunos envolvidos, porém, durante o processo de produção, enquanto alguns deles já haviam terminado e outros não, foi possível conversar com quase todos individualmente, instando-os a comentar a história que tinha realizado.

Podemos afirmar que todos os objetivos da oficina foram cumpridos, sendo eles: (a) fomentar reflexões sobre a inexistência de uma “neutralidade narrativa”, (b) ampliar o conhecimento dos alunos sobre a pedagogia freiriana, (c) ampliar o repertório dos educandos sobre os formatos de cartum, charge, caricatura, tirinha de humor e linguagem das histórias em quadrinhos e (d) fomentar o pensamento crítico dos participantes acerca da educação e do ambiente escolar.

O último objetivo, que era o mais complexo de todos, apresentou resultados que superaram nossas expectativas, haja vista que as HQs produzidas não apenas trouxeram questões do cotidiano de sua escola, como também, uma

visão crítica na forma de Contra Narrativas, cuja análise será melhor aprofundada a seguir.

3. O que os estudantes nos dizem em seus quadrinhos?

A partir do que já foi apresentado, a seguir iremos aprofundar na análise das vinte e dois HQs produzidos durante a oficina em questão, primeiramente a partir do viés temático e da escolha da narrativa apresentada para posteriormente, a partir do viés da Contra Narrativa, compreender como as histórias foram construídas, com destaque para duas produções específicas e particularmente significativas.

3.1 - Narrativas na produção dos quadrinhos

Ao nos voltarmos para as temáticas que os alunos evocaram em suas HQs, observamos três grupos temáticos principais que foram recorrentes entre as produções, sendo eles: (a) questões gerais sobre o ambiente escolar, (b) questões específicas sobre a ETEC e (c) a reforma do ensino médio.

Houve uma HQ que não se encaixou em nenhum agrupamento, pois foi uma produção que fugiu ao tema geral, mas que seguiu a proposta humorística falando sobre a produção das galinhas caipiras.

No primeiro agrupamento tivemos produções que abordaram questões gerais sobre o ambiente escolar com o intuito de usar tais elementos para conseguir o ganho cômico da narrativa, com a questão das faltas na escola, paquera no ambiente escolar e a “produtividade” das aulas. Também nos deparamos com HQs num tom mais sério ou sem um objetivo explicitamente cômico, as quais abordaram a temática da educação inclusiva e também críticas mais gerais ao sistema de ensino, ou melhor, sobre como ele — literalmente — poda os alunos (figura 2) e os direciona para um ensino conteudista (figura 1).

Dentre os quadrinhos do segundo agrupamento, os que trazem questões mais específicas e/ou voltadas diretamente ao ambiente da ETEC, verificamos críticas e reflexões sobre o sistema de avaliação, o curto tempo das aulas, a falta de diálogo e empatia dos professores para com os alunos (figura 3), a cópia de lição da lousa com punição para os alunos, a didática das aulas de desenho do curso de Design e das aulas de Educação Física, o problema recorrente da

superpopulação de pombos no pátio da escola, as grandes filas da hora do almoço, a semana de provas e a semana do “saco cheio”.

Ainda neste agrupamento, tivemos dois quadrinhos que, embora tratando de temas comuns no ambiente escolar, evidenciaram o contexto da ETEC na estampa que identifica os uniformes. Uma das produções trata do tema *bullying* escolar e a outra apela para metalinguagem, mostrando um aluno que desenha a si próprio no ato de desenhar o quadrinho, no qual, se vê ele próprio se desenhando de novo, num efeito “fractal”.

No terceiro agrupamento temos duas produções que trouxeram a questão da possível reforma do ensino médio trazendo críticas a essa possível mudança, tanto no âmbito da política, quanto no cotidiano da sala de aula, ao tratar das disciplinas que ficariam de fora do currículo.

Dentre essas produções, podemos identificar, pelo menos três HQs que apresentam nitidamente as características de Contra Narrativa, apontando um discurso para, em seguida, desconstruí-lo. Duas delas fazem parte do primeiro grupo, trazendo questões gerais sobre o conceito de educação e a outra faz parte do segundo grupo, trazendo questionamentos específicos sobre a ETEC em que a oficina foi aplicada, como veremos mais detalhadamente a seguir.

3.2. Tirinha cômica como exercício da Contra Narrativa

A primeira HQ que evidencia uma Contra Narrativa em sua composição e que aqui destacamos, está agrupada na primeira categoria temática das produções gerais. Nele primeiro quadro temos as disciplinas do ensino formal (matemática, português e filosofia) e também as indicações a “política” e “opinião” traçando uma relação entre os conteúdos curriculares a construção do conhecimento, opinião e argumentação.

Além disso, a maneira que tais elementos estão expostos, fazem uma referência à HQ *Desaplanar* (Sousanis, 2017) que foi exposto como exemplo durante a oficina e observando uma composição gráfica similar àquela história, traçou uma crítica ao conteudismo, tema debatido na oficina e questionado pela aluna que criou a tirinha.

A crítica, porém, inova na maneira de trabalhar tais “blocos conteudistas” transformando-os em pequenos pedaços de óculos que são colocados nos alunos, recorrendo a uma metáfora visual que poderíamos chamar de “construção de nossa visão de mundo”.

A narrativa se desenvolve mostrando que tais óculos adentram o cotidiano de todos, nas ruas e nos *outdoors*. O desfecho é criado a partir do diálogo entre dois personagens que não usam tais lentes, traçando uma relação entre as mesmas opiniões dos outros indivíduos com os óculos e por fim, uma correspondência entre tais objetos com o sistema de educação.

Detectamos, assim, uma crítica ao ensino conteudista e a Educação Bancária, que visa, a partir de um mesmo conteúdo, propor uma formação igual para todos os sujeitos, a qual seria aceita por todos de uma mesma maneira e gerando as mesmas opiniões como a HQ demonstra.

Trata-se, portanto, de uma produção que se vale da Contra Narrativa para explicitar e subverter o conceito de educação bancária, com o uso de metáforas visuais e recursos gráficos dos quadrinhos para compor tais considerações.

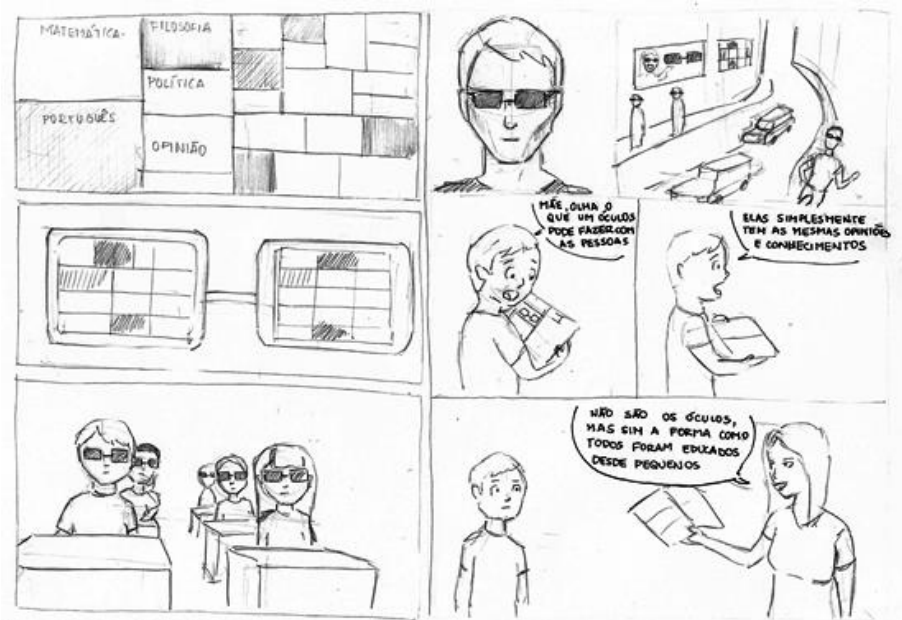


Figura 1

A segunda HQ da primeira categoria temática também faz referência a Educação Bancária, porém mais sutilmente. Temos na figura da “árvore-pai” uma narrativa que relaciona a educação ao progresso e a ausência de medo, tal narrativa é desconstruída com a figura do professor, que se mostra exatamente o oposto do que a “árvore-pai” havia mencionado anteriormente.

A representação do professor como um machado para alunos que são representados como árvores, perpetua a ideologia de que a função do professor é adequar seus alunos aos conteúdos e discursos do currículo formal, convicção que está atrelada a ideia de que os alunos são agentes passivos do processo educativo, como colocado na Educação Bancária.

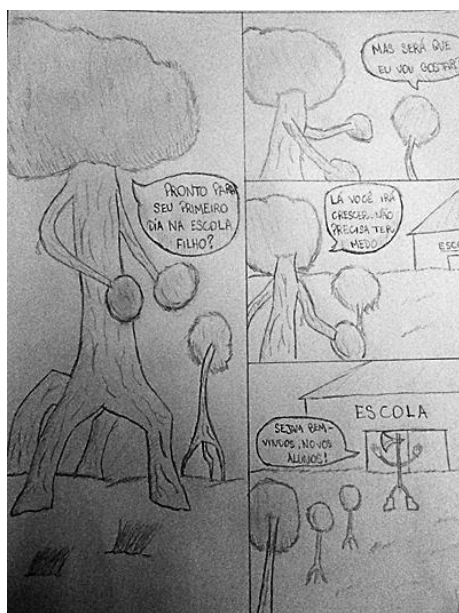


Figura 2

Na terceira e última HQ aqui decupada, temos referências diretas à ETEC, sendo uma produção que pertence ao segundo agrupamento temático. Nos dois primeiros quadros, que representam metade da narrativa, temos o discurso de uma aluna sobre a ETEC, afirmando que os alunos são foco principal e que a disposição da escola é a de priorizá-los e compreender suas demandas, como, por exemplo a importância dos armários escolares para que os estudantes não tenham que carregar muito peso.

No terceiro quadro temos um afastamento do enquadramento, mostrando que, na verdade os quadros anteriores se referiam a uma mensagem emitida por uma televisão, o quadro segue com foco nos alunos, desta vez apontando a harmonia existente entre alunos e professores, porém agora conseguimos compreender a ironia do discurso.

O desfecho reforça a ironia do discurso anterior, mostrando o cotidiano real da sala de aula, em que a professora rejeita questionamentos dos alunos de forma a salientar que a narrativa anterior não condiz com a realidade. A crítica ao discurso institucional que contrasta com sua prática no cotidiano escolar é mostrada como se fosse um comercial de TV.



Figura 3

Assim, enquanto a primeira e a última HQ apresentam narrativas que primeiramente denunciam o discurso hegemônico para posteriormente desconstruí-lo, a segunda HQ faz o caminho contrário, trazendo um discurso não-hegemônico para depois confrontá-lo ao discurso hegemônico em seu desfecho.

5. Considerações Finais

A partir das HQs dos alunos foi possível compreender diversos conflitos existentes nesta escola, desde o cotidiano da sala de aula, até a postura de alguns educadores e a maneira que os alunos enxergam o sistema educacional de ensino. Dessa maneira, podemos nos arriscar a responder as perguntas enunciadas na seção 1.2 deste nosso artigo:

(1) Como racismo, sexismo, classismo e outras formas de subordinação [grifo nosso] moldam o processo de formação educacional dos estudantes?

Aparentemente, a cultura institucional predominante nas escolas reflete (e algumas vezes, amplifica) os valores e preconceitos presentes na sociedade. A pretexto de valorizar o sacrifício (“Sem dor, sem ganho”) ou de temperar o caráter dos jovens (“O que não nos mata, nos fortalece”), o autoritarismo é, muitas vezes, alimentado e naturalizado como um fator inerente ao processo educacional.

(2) Como as instituições de educação e estruturas educacionais, práticas e discursos mantêm a discriminação baseada em raça, sexo e classe?

Ao que tudo indica, mediante o silêncio dos educandos, estimulado como indicativo de uma conduta disciplinada. Em troca, protestos e reivindicações são entendidos como ameaças à ordem instituída e desrespeito às figuras de autoridade encarnadas pelos educadores/gestores.

(3) Como os estudantes reagem contra o racismo, o sexismo, o classismo e outras formas de subordinação na educação?

Como estratégia de sobrevivência, eles desenvolvem códigos de conduta que dividem entre si — quase como uma confraria — compartilhando seu descontentamento com aqueles que representam “o sistema” — as figuras de autoridade mencionadas. De um modo geral, a passagem deles pela vida escolar resulta numa memória afetiva marcada por diferentes graus de trauma e encarada como uma fase a ser superada e, posteriormente, esquecida.

(4) Como a educação pode se tornar uma ferramenta para ajudar a acabar com o racismo, o sexismo, o classismo e outras formas de subordinação?

O exercício de estratégias de mediação consciente concebidas e conduzidas para melhorar a comunicação entre os alunos, professores e gestores no ambiente escolar pode expor e combater inequidades e preconceitos que, mesmo existindo no conjunto da sociedade, não precisam ser naturalizados ou perpetuados.

Por fim, podemos afirmar que nosso breve artigo indica a pertinência da Contra Narrativa como uma estratégia a ser mobilizada em intervenções educacionais e as Histórias em Quadrinho como uma linguagem poderosa para estimular a criatividade e a expressão dos sujeitos-educandos no contexto escolar. De resto, a validação das conclusões desta pesquisa e a disseminação da estratégia que ela defende, são tarefas ainda por se realizar.

Referências

ADRI A. *Cara-Unicórnio*. 1ª edição, volume 01. Osório, RS, 2018.

BACCEGA, M. A. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. *Comunicação e Educação*, v. 14, n. 3, 2009.

BARTHES, R. *Introdução à Análise Estrutural da Narrativa*. In Vários, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2011.

COSTA, Sérgio R. *Dicionário de Gêneros Textuais*. Belo Horizonte, Autêntica Edit., 2014.

CONSANI, M. A. *A Narrativa como eixo articulador da Educação Midiática e Comunicacional: uma abordagem educacional na Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Maria Pellegrini de Aguiar (Campinas-SP/Brasil)*. Revista Tecnologias na Educação – Ano 9 – Número/ Vol.20 – Edição Temática IV–Congresso Regional sobre Tecnologias na Educação (Ctrl+E, 2017). Disponível em <http://tecnologiasnaeducacao.pro/tecedu.pro.br>, acesso em 30/09/2018.

(_____) *Estratégias e materiais para formação e acompanhamento no uso das mídias dentro do Projeto UCA (Um Computador por Aluno)*. Relatório Científico de Pesquisa em Nível de Pós-doutoramento desenvolvida junto ao Departamento de Mídias do Instituto de Artes da Unicamp e aprovado pela FAPESP em 23/10/2014, não publicado.

LEHTIMAJA, Lissu. *Freiren kyydissä*. Helsinki: Like, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *A Comunicação na Educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

SIERPINSKI, Natália Rosa Muniz. *Educomunicação e histórias em quadrinhos: desconstruindo o preconceito de gênero nas escolas*. Monografia apresentada para conclusão da licenciatura em Educomunicação do CCA-ECA/USP, 2017. Disponível online em: http://dedalus.usp.br/F/3VXL-R1HUMVNVAQFMUJ64XGY8MYIKHIQU9MJVE6BL257MRKYK22-30647?func=full-set-set&set_number=003783&set_entry=000001&format=999, acessado em 13 de setembro de 2018.

SOUSANIS, Nick. *Desaplanar*. São Paulo: Veneta, ago. 2017.

YOSSO, Tara J. *Critical race counterstories along the Chicana/Chicano educational pipeline*. Taylor & Francis Group, Chicago, 2006.

Sobre os autores

Marciel A. Consani - Doutor em Ciência da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP, 2008), com Mestrado (IA-UNESP, 2003) e graduação em Artes/Música; possui Licenciatura Plena em Educação Artística e Especialização em Tecnologias Interativas Aplicadas à Educação (PUC-SP). Concluiu em 2013 seu pós-doutorado junto ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-UNICAMP). Atualmente é professor do curso de Licenciatura em Educomunicação do Centro de Comunicação e Artes (CCA) da ECA/USP e do PPGCOM (pós-graduação do mesmo departamento). mconsani@usp.br

Natália R. M. Sierpinski - Licenciada em Educomunicação pela Universidade de São Paulo (2017). Tem produção científica nas áreas de educomunicação, história em quadrinhos e estudos de gênero desde 2014. Foi uma das idealizadoras do Coletivo Educomics que estudou a interface entre histórias em quadrinhos e educomunicação. Atualmente é colaboradora do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), em que já realizou oficinas educacionais sobre histórias em quadrinhos. natalia.sierpinski@usp.br